

# Dez Coisas Que os Educadores Podem Fazer Para Nutrir Espiritualmente Alunos Universitários

**N**em todas as disciplinas foram criadas iguais no que se refere a prover oportunidades para integrar fé e aprendizado. Em Literatura, História, Religião e Filosofia isso parece natural. Em Matemática, Informática, Engenharia e Estatística parece mais desafiador mencionar fé [ou religião] na sala de aula sem o senso de artificialidade. Considerando as oportunidades desiguais inerentes às disciplinas acadêmicas, tenho colecionado, de literaturas e de pesquisas próprias, maneiras em que os membros do corpo docente – não importando a disciplina – podem nutrir espiritualmente o crescimento de alunos universitários. A seguir, em ordem aleatória, apresentamos dez oportunidades que todo educador pode utilizar.

## 1. Ensinar dentro de uma visão cristã de mundo.

Durante mais de 20 anos, Steven Garber, atuando como professor e pastor no campus, ensinou alunos universitários em instituições seculares e cristãs, tanto em nível superior como de pós-graduação. À medida que mantinha contato com os alunos, observou um processo inquietante. Alguns eram capazes de fazer e manter a ligação entre crenças e comportamento, ao passo que outros, “pouco a pouco desli-

gavam suas crenças do comportamento”. Para descobrir o que fazer para que os ex-alunos permanecessem fiéis ao compromisso cristão durante vinte ou mais anos após a formatura universitária, Garber realizou inúmeras entrevistas. Descobriu que aqueles que mantinham seu compromisso tinham três coisas em comum. Durante os anos de sua juventude, tinham:

a. formado uma visão de mundo que podia distinguir a verdade em meio ao desafio do relativismo em uma cultura cada vez mais marcada pelo secularismo e pluralismo;

b. encontrado um mentor cuja vida lhes “ilustrava” a possibilidade de viver com aquela visão de mundo e dentro dela;

c. feito amizades [depois de saírem da universidade] com uma comunidade de pessoas que compartilhavam dos mesmos valores e convicções.<sup>1</sup>

Duas destas características estão incluídas nesta lista de dez coisas que os educadores podem fazer para nutrir espiritualmente os alunos.

Visão de mundo é a metanarrativa pela qual entendemos nós mesmos e nosso mundo. É formada pela cultura, pelos pais, pela mídia – na verdade, por todas

as coisas com as quais interagimos. Até os anos de universidade, poucos jovens examinam criticamente sua visão de mundo. Sendo que a maioria das culturas não promove uma visão cristã de mundo, os membros do corpo docente precisam ajudar os alunos a avaliarem suas suposições e explorarem o sistema cristão de valores. Os professores não pensam automaticamente em si como fornecedores de visão de mundo; no entanto, quer implícita ou explicitamente, estão constantemente acrescentando partículas e fragmentos à opinião dos alunos sobre a vida.

Em uma apresentação feita ao corpo docente da Universidade Andrews, em 2003, Steven Garber sugeriu duas perguntas simples que podem ajudar a desenvolver e fortalecer a visão cristã de mundo. Os professores devem fazer a si mesmos a primeira pergunta ao prepararem seu plano de aulas: “Como esta matéria glorifica ou poderá glorificar a Deus?” E os professores deverão fazer freqüentemente aos alunos a segunda pergunta, de diversas formas: “O que vocês farão com o que estão aprendendo nesta aula?”<sup>2</sup> Estas perguntas simples podem suscitar respostas que poderão transformar a vida, tanto dos alunos como dos professores.

Garber diz que podemos avaliar se as universidades mantidas pela igreja estão

*Jane Thayer*

nutrindo uma visão cristã de mundo se perguntarmos aos alunos, tanto quando ingressam em nossa escola como quando saem dela: “O que você ama?” Ele diz que é nessa pergunta e na dinâmica espiritual implícita na resposta a ela que a crença e o comportamento são tecidos juntos.<sup>3</sup>

**C**ada disciplina acadêmica tem o potencial de ajudar os alunos a desenvolverem uma visão cristã de mundo que pode ser aplicada à vida real. Qualquer educador que desejar obter orientação sobre como ensinar sua matéria de forma a desenvolver a fé, pode consultar a coleção de livros *Christ in the Classroom* [Cristo na Sala de Aulas]. Exemplares do mesmo serão encontrados nas bibliotecas das universidades adventistas no mundo inteiro. Esta coleção de trinta livros, um legado deixado por Humberto Rasi, contém o produto escolástico de educadores que participaram dos Seminários de Integração de Fé e Aprendizagem.

## 2. Ser mentor para alguns alunos e cristão exemplar para todos.

Os editores de um número especial da revista *Journal of Psychology and Christianity* sobre como ser mentor<sup>4</sup> convidaram seis psicólogos bem conhecidos e um aluno universitário a quem eles tinham servido como mentores, para contar acerca do relacionamento que desenvolveram. As matérias resultantes revelaram as alegrias e o preço [da experiência]. Infelizmente, a

maioria dos alunos raramente experimenta um verdadeiro relacionamento com um mentor, principalmente em nível universitário, por causa do tempo que é exigido e da proporção de professores e alunos.

Os professores podem, no entanto, mostrar a todos os alunos uma vida cristã exemplar. Em minha recente pesquisa aberta com 259 alunos da Universidade Andrews, pedi que mencionassem o nome de um membro do corpo docente que os havia nutrido espiritualmente, e que dissessem como ele o fizera. A resposta mais freqüente, registrada por mais de 20 por cento dos participantes, foi: “Sendo um cristão exemplar.”<sup>5</sup> Eis o que alguns alunos escreveram:

“Nas aulas de doutrinas do Dr. C, ele não apenas apresentava ensinamentos antigos sob nova luz, mas ao olhar para o homem em si, podíamos ver aqueles ensinamentos exemplificados e assim ter um modelo de vida para procurar seguir.” – *Formanda universitária.*

“Esses dois professores [marido e mulher membros do corpo docente] são modelos de cristianismo e de uma família cristã.” – *Pré-formanda universitária.*

Convidar os alunos à sua casa, trabalhar com eles e participar de atividades extra-curriculares e esportes são maneiras de demonstrar como viver o cristianismo. Os alunos precisam ver como as crenças podem ser praticadas em todos os aspectos da vida. Naturalmente, ser cristão exemplar é uma responsabilidade de risco, pois com freqüência o rótulo não se ajusta aos

**Sendo que a maioria das culturas não promove uma visão cristã de mundo, os membros do corpo docente precisam ajudar os alunos a avaliarem suas suposições e explorarem o sistema cristão de valores.**

nossos pensamentos ou nossa conduta. Entretanto, ser cristão significa ser um exemplo. Enquanto procuramos seguir o exemplo de Cristo, podemos dizer aos alunos: “Sigam-me à medida que eu sigo a Cristo.” Isso nos leva ao próximo ponto.

## 3. Contar-lhes sua história pessoal.

Os alunos desejam ouvir suas experiências pessoais. Contudo, tanto você como sua história devem ser autênticos. Os alunos estão dispostos a aprender com os erros do professor bem como com as respostas inteligentes às perguntas que fazem. A maioria das teorias recentes sobre como lidar com jovens adultos na pós-modernidade salientam a necessidade de ser vulnerável. Embora admitamos nosso lado imperfeito, não precisamos nos demorar nos “detalhes picantes” de nossos pecados. No livro *The Life You've Always Wanted*, John Ortberg demonstra como confessar humildemente nossos erros, sem glorificar o pecado ou atrair atenção indevida para nós mesmos. Ele o coloca nas seguintes palavras:

“O orgulho é um problema persistente para as pessoas que procuram crescer espiritualmente.

“Freqüentemente me submeto a uma dieta. Nessas ocasiões, quando vou a um restaurante e observo as pessoas que estão comendo, percebo que alguns pensamentos começam a passar involuntariamente pela minha mente: ‘Como podem eles comer isso? Como podem tratar seu corpo dessa maneira? Será que não sabem que esse lixo é mortal? Será que não conseguem se disciplinar, ter domínio próprio? Então, será que essas são as pessoas sobre as quais Paulo escreveu: “O destino deles



Dra. Meredith Jones Gray (extrema esquerda) e Dr. Bruce Closser (segundo à direita) interagem com alunos no refeitório, fora da área de Inglês na Universidade Andrews.



No evento “Física no Centeio”, das sextas à noite, os alunos participam com alegria da música, uma refeição completa e debate sobre assuntos importantes da vida real.

é a perdição, o Deus deles é o ventre”?”

“Tenho tais pensamentos embora – ou talvez mais precisamente, porque – essas pessoas estão comendo as mesmas coisas que eu comi no dia anterior antes de iniciar minha dieta, e provavelmente estarei comendo novamente na semana seguinte, depois de desistir da dieta.”<sup>6</sup>

#### **4. Ensinar a vocação como um chamado para participar com Deus.**

Vocação é mais do que uma carreira profissional. Eu costumava pensar na vocação cristã como um chamado para servir. Mas depois de ouvir Claudia Beversluis, coordenadora pedagógica do Calvin College, em Grand Rapids, Michigan, descrever vocação como um “chamado para a vida inteira do aluno”, compreendi que meu ponto de vista era demasiadamente limitado. O Calvin College recebeu uma Subvenção Lilly que ajudou os professores a serem mais intencionais em seu ensino sobre vocações.<sup>7</sup> Algumas escolas realçam a redação em todo o currículo; Calvin College faz da vocação o ponto central em todo currículo. Todo aluno estuda o livro *Engaging God’s World*, de Cornelius Plantinga Jr., para compreender o ponto de vista cristão sobre vocação.

Beverluis mencionou que o corpo docente e a administração do Calvin College consideram a vocação como o capítulo central da obra de Deus no mundo. Ela explicou o assunto falando com entusiasmo sobre o Grande Conflito, uma história que eu pensava “pertencia” aos adventis-

tas! Nunca ouvi um adventista desenvolver tão nitidamente uma explicação inteligente para vocação usando aquela metanarrativa. Ela disse que o capítulo 1, fala sobre Deus e a Criação; o capítulo 2, sobre o Pecado e a Queda; e o capítulo 3, sobre o Plano Divino de Redenção.<sup>8</sup> “Nossas salas de aula devem ser banhadas em gratidão”, disse Claudia, “porque o capítulo 3 nos mostra que Deus atua ativamente no mundo”.<sup>9</sup> O corpo docente do Calvin College ensina seus alunos a participarem com Deus na obra de redimir não só indivíduos, mas sistemas inteiros. Com certeza, associar-se com Deus em causas tão nobres deve dar aos jovens adultos uma visão do que é vocação. Como escreve Sharon Parks, pesquisadora sobre o desenvolvimento da fé no jovem adulto: “O desenvolvimento de um sonho digno é a difícil tarefa da fé de um jovem adulto.”<sup>10</sup>

**S**endo que a Queda afetou todas as disciplinas acadêmicas e profissões, cada membro do corpo docente precisa ensinar vocação como um chamado a participar com Deus em Sua obra de redimir. “No ciclo da vida humana nunca houve (nem haverá) a mesma prontidão para fazer perguntas importantes e desenvolver sonhos dignos.”<sup>11</sup>

#### **5. Criar uma comunidade na sua área para nutrir.**

Parks diz que para desenvolver a fé, os jovens adultos precisam não só de um sonho, mas também de uma comunidade. “A

imaginação do jovem adulto é devidamente dependente de um *network* de pertencer [ao grupo] que possa confirmar uma fé digna, ‘possuída’.”<sup>12</sup> As áreas acadêmicas fornecem uma estrutura natural na qual podem apoiar os alunos em sua busca de fé, significado e propósito [na vida].

Em 2002, a Sahmyook University, na Coreia do Sul, contava com 5.500 alunos, 400 professores e membros do pessoal nas suas 40 áreas de estudo. Para cuidar de tantos alunos, o capelão decidiu organizar as áreas em igrejas, tendo como membros alunos e professores de cada uma das áreas. Um pastor ou instrutor bíblico é nomeado para cada área de estudo. As várias áreas promovem diversas espécies de atividades religiosas e programas, incluindo a Escola Sabatina semanal.<sup>13</sup>

Desde 1991, na Universidade Andrews, duas ou mais vezes por semestre, Robert e Lillis Kingman realizam um jantar e culto de pôr-do-sol denominados “Física no Centeio” para 20-40 alunos de Física e Matemática e seus amigos.<sup>14</sup> Após a mega-refeição preparada pela Sra. Lillis Kingman e servida em pratos de porcelana e talheres de verdade, um palestrante apresenta o tema ou testemunho pessoal. Segue-se, então, um período de perguntas e respostas. Cada ano um tema é escolhido (algo como *O Extraordinário Jesus: Como Atender Seu Chamado?; Deus nos Relacionamentos; Passos Para a Integridade; Das Trevas Para a Luz*). Palestrantes são escolhidos das diversas disciplinas na universidade.

“Com freqüência, falamos sobre uma fé que não se enquadra no mundo real”, diz o Sr. Kingman, professor emérito e ex-diretor do departamento de Física. “Convidamos pessoas que falem sobre fé [religião] e o mundo real. Esta é uma oportunidade de desenvolver uma visão cristã de mundo.”

No livro de registro de visitantes do casal Kingman, um aluno, que agora está completando residência em Medicina, escreveu:

“Ao vir a este último culto de pôr-do-sol no Centeio [sic] e considerar minha experiência passada na Andrews, vejo o quanto esses cultos têm sido importantes para mim. Aprendi muita ‘coisa’ nas aulas, mas foi sentado na sua sala que aprendi sobre o pensamento e a caminhada religiosa em um mundo complicado. Interagir com pessoas mais velhas, as quais admiro e respeito, é um privilégio que a maioria dos alunos não tem. Foram as 22 horas mais formativas de minha vida.”

## 6. Explorar questões éticas nas profissões.

O enorme fracasso ético recente entre líderes de gigantescas empresas americanas é uma afronta. No entanto, quantos de nós gostaríamos que a *spotlight* focalizasse nossa declaração de imposto de renda? Geralmente as pessoas se comportam de maneira ética porque não têm oportunidade de fazer o contrário. Como podemos preparar nossos alunos para escolherem o caminho elevado se somos tentados a não nos comportarmos de maneira ética a fim de ganhar dinheiro ou autoridade? Há uma grande necessidade de ensinar ética profissional aos nossos alunos. Mas como? Que métodos são eficazes? Por causa da falta de ligação entre o conhecimento e o comportamento, ainda que os alunos saibam o que é correto, podem não fazê-lo.

Ao ensinar ética, duas abordagens básicas devem ser combinadas: “ética por princípio”, que salienta princípios profissionais racionais e objetivos, e “ética como virtude” que salienta o desenvolvimento do caráter.<sup>15</sup> Uma abordagem ensina as “regras”, a outra capacita a vontade. Se aulas de ética não são exigidas em cada curso, o corpo docente precisa decidir que cursos abordarão princípios éticos nas profissões a ele relacionadas. Além disso, toda a cultura de um campus cristão deve dar apoio ao desenvolvimento do caráter. Isso assegurará uma ligação entre o conhecimento e a conduta.

A metodologia básica para ensinar ética por princípio é o estudo de um caso específico, o que requer que os alunos saibam e usem princípios éticos e pensamento crítico para determinar a melhor maneira de agir. Uma série de perguntas gerais pode ser usada para transformar histórias de noticiário, artigos de jornal e até mesmo experiências pessoais dos alunos em casos para estudo. (Para sugestões de perguntas, ver Nickols & Belliston.<sup>16</sup>)

## 7. Organizar ou participar de atividades fora da classe.

Ernest Pascarella e Patrick Terenzini, autoridades universitárias influentes, declaram que “uma das suposições mais persistentes e menos freqüentes na educação superior, para a educação e o desenvolvimento, tem sido a da importância do relacionamento entre professor e aluno fora da sala de aula.”<sup>17</sup> Em um campus cristão, há abundância de oportunidades para tais relacionamentos.

As visitas de um aluno à sala do professor podem enriquecer o aprendizado verdadeiro. (Esta área parece beneficiar-se

## Cada disciplina acadêmica tem o potencial de ajudar os alunos a desenvolverem uma visão cristã de mundo que pode ser aplicada à vida real.

mais do lado de fora – contatos fora da classe – do que o aprendizado cognitivo.<sup>18</sup>) Os pesquisadores Clark, Walker e Keith concluem que para influenciar nesta área, o professor precisa pelo menos manter um horário regular em sua sala e anunciá-lo.<sup>19</sup>

Além de eventos planejados, o professor pode criar oportunidades informais para desenvolver relacionamentos. Convidar os alunos à sua casa é uma forma simples de fazer isso. Todo verão, o diretor de um dos cursos superiores na Universidade Andrews convida alunos e conselheiros à sua casa para um jantar anual e uma cerimônia conhecida como “A Bênção dos Alunos”. Ao encerrar a cerimônia, os alunos formam um círculo e os conselheiros se revezam orando cada um em favor do aluno – mencionando-lhe o nome – que está sob sua responsabilidade.

Alguns alunos talvez nunca compareçam voluntariamente a uma reunião religiosa ou à casa de um professor, mas podem ser alcançados através de atividades extra-curriculares como esportes, música e dramatizações. A participação em esportes com os alunos não deve ser limitada aos professores jovens. Atuando como treinador, árbitro, ou simplesmente um fiel expectador que assiste os jogos, conhecendo os alunos pelo nome e torcendo por eles, o professor demonstra que valoriza os alunos e seus talentos, e que está ao seu dispor quando enfrentam dificuldades acadêmicas ou passam por situações difíceis.

## 8. Praticar o ensino com oração.

Em um encontro informal de colegas no corredor comentando sobre os formulários de avaliação da suas áreas de ensino, um professor salientou: “Os alunos sempre me davam nota baixa em espiritualidade, por isso decidi fazer uma experiência. Durante um semestre, comecei a orar no início de cada aula; e no fim do semestre, os alunos me deram a nota mais alta que jamais

havia dado em espiritualidade.” Será que isso significa que orar antes de cada aula alimenta espiritualmente os alunos? Não necessariamente. Em um estudo feito entre estudantes da Universidade Andrews descobrimos que os alunos usam “oração antes da aula” como indicador da espiritualidade do professor, mas somente quando além disso o professor demonstra “consideração e interesse pelos alunos”.<sup>20</sup>

Ensinar com oração envolve muito mais do que fazer uma breve oração no início da aula. Na verdade, “é bem possível que um professor de muita oração nunca ore audivelmente na sala de aula”, e que um professor inseguro “inunde a sala de aula com orações públicas”.<sup>21</sup> Ensinar com oração é um método holístico de educar “por meio do qual o aprendiz, o professor, o conteúdo e os métodos de ensino são orientados por um diálogo constante com Deus”.<sup>22</sup> Todo aspecto do trabalho do professor deve ser apresentado em oração de modo que seu ensino se torne uma oferta para Deus.

Os alunos universitários apreciam imensamente quando o professor ora por eles individualmente. Os alunos que vêm à sala do professor geralmente estão sobrecarregados com diversas preocupações. Estão preocupados com relacionamentos interpessoais, situação financeira e o futuro. Se eles compartilharem suas preocupações, ou você perceber a dor que sentem, peça permissão para orar por eles. Certifique-se, porém, de estar falando com Deus e não manipulando.<sup>23</sup> A oração deve centralizar-se no caráter amoroso de Deus, não nas qualidades do aluno ou em algum conselho que você gostaria de dar-lhe.

Ao orar por seus alunos secretamente, fora da sala de aula, você minimizará os riscos associados à oração pública. Embora McMinn estivesse falando sobre conselheiros e clientes, a seguinte declaração dele é válida, creio eu, para professores e alunos: “Se, como [professores] cristãos, estamos comprometidos com a saúde de nossos [alunos] e cremos no poder da oração, então temos a obrigação espiritual de orar fielmente pelos que estão sob nossos cuidados. Essas orações de petição devem ser persistentes e regulares, parte essencial das disciplinas lecionadas pelo [professor] espiritualmente animado.”<sup>24</sup>

## 9. Demonstrar consideração e interesse pelos alunos.

O estudo feito por Alice Oosterhuis sobre a influência da educação cristã na área de artes liberais sobre a maturidade da fé [religião] revelou que os professores são a influência mais importante.<sup>25</sup> As caracterís-

ticas que fizeram grande diferença foram competência, compaixão e cordialidade pessoal.

A Universidade Andrews realizou dois estudos sobre a espiritualidade do corpo docente, um deles em 1999,<sup>26</sup> e outro em 2003.<sup>27</sup> Em perguntas diretas sobre a espiritualidade dos membros do corpo docente e sua capacidade de nutrir espiritualmente os alunos, estes responderam que um dos fatores mais importantes era “a consideração e interesse pelos alunos”. Ao descrever o professor que demonstra consideração e interesse, os alunos citaram os seguintes traços de caráter (em ordem aleatória):

- demonstram paciência na sala de aula;
- são acessíveis; mostram interesse genuíno; ajudam os alunos; aceitam os alunos incondicionalmente; ouvem os alunos;
- verificam como os alunos estão se saindo;
- demonstram interesse pessoal nos alunos;
- são generosos;
- oram pelos alunos;
- consideram os alunos como pessoas, não simplesmente como estudantes;
- prestam apoio;
- intercedem em favor dos alunos para solucionar problemas; e
- demonstram amor cristão pelos alunos.

Em vários estudos sobre a eficiência dos professores, o critério que quase sempre ganha a melhor nota é a consideração e interesse. Os pesquisadores acreditam que esta é uma qualidade relacional, e não um traço de personalidade. Portanto, pode ser aprendida e desenvolvida.<sup>28</sup>

## 10. Continuar a crescer na própria vida espiritual.

No início de todo vôo comercial, os comissários demonstram os procedimentos de segurança. Os passageiros são orientados a colocar a máscara de oxigênio no seu rosto antes de ajudar uma criança. Isso parece servir a si mesmo. Mas se pensarmos bem, podemos ver a coerência da ordem. Sem oxigênio, você não pode ajudar outros. Da mesma forma, o professor não pode ajudar os alunos a experimentarem uma vida cristã vibrante se o seu relacionamento com Deus está “definindo”.

Após Sua ressurreição, Jesus perguntou três vezes a Pedro: “Você me ama?” Cada vez que Pedro respondeu “Sim”, Jesus replicou: “Apascenta os Meus cordeiros” ou “Apascenta as Minhas ovelhas”. João 21:15-19.

Antes de podermos amar a Cristo, pre-

cisamos experimentar Seu amor por nós. David Benner escreve em seu excelente livro *Surrender to Love: Discovering the Heart of Christian Spirituality*: “É a experiência do amor que realiza a transformação. Você não pode simplesmente aquecer-se no amor divino e não ser afetado.”<sup>29</sup> O mesmo é verdade a respeito dos alunos. Eles não podem aquecer-se no amor divino que você reflete, sem ser transformados.

Estas, portanto, são as 10 oportunidades que todo professor pode aproveitar para nutrir espiritualmente seu alunos. Experimente-as, adapte-as ao seu próprio estilo e veja o que acontece!

**Jane Thayer,**  
Ph.D., é diretora do programa de Educação Religiosa na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Suas áreas de interesse em pesquisas são desenvolvimento [da vida] espiritual, avaliação da espiritualidade cristã, e influência da universidade sobre a espiritualidade dos alunos. A Dra. Thayer está escrevendo um livro sobre como ensinar visando fazer discípulos.



### NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Steven Garber, *The Fabric of Faithfulness: Weaving Together Belief and Behavior During the University Years* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996), p. 160.
2. Steven Garber, “To See, To Hear, To Feel the World as God Does: A Christian Spirituality of Learning”. Apresentação feita ao corpo docente da Universidade Andrews, Berrien Springs, Michigan, 22 de setembro de 2003.
3. Garber, *The Fabric of Faithfulness*, p. 22.
4. (Inverno 2000.)
5. Jane Thayer [Percepção estudantil da espiritualidade dos professores], dados ainda não publicados, 2003.
6. John Ortberg, *The Life You've Always Wanted: Spiritual Disciplines for Ordinary People* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1997) p. 103.
7. Claudia Beversluis, “With All Their Strength: How Do Faculty Help Students Understand God's Call on Their Whole Lives?” Apresentação feita ao corpo docente da Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, 23 fevereiro de 2004.
8. Capítulo 4, o capítulo final, é “Consumação”, a vinda e vitória final de Cristo.
9. Ibid.
10. Sharon D. Parks, *Big Questions, Worthy Dreams: Mentoring Young Adults in Their Search for Meaning, Purpose, and Faith* (San Francisco: Jossey-Bass, 2000), p. 146.
11. Ibid, p. 103.
12. Ibid, p. 135.
13. Byung Ho Jang, *In-Reach Evangelization Through Students and Faculty at Sahmyook University*. Documento apresentado na International Conference for Vice Presidents for Student Development and Services, em Silver Spring, Maryland, julho de 2002, p. 11.
14. Robert Kingman, comunicação pessoal, 29 de setembro de 2004.
15. A. E. Jordan e N. M. Meara, “Ethics and the Professional Practice of Psychologists: The Role of Virtues and Principles”. Em D. N. Bersoff (ed.), *Ethical Conflicts in Psychology* (Washington, D.C.: American Psychological Association, 1999), pp. 141-145; conforme citado em Sharon Y. Nickols e Lisa M. Belliston, “Professional Ethics: Caught and Taught”, *Journal of Family and Consumer Sciences* 93:2 (2001), p. 23.
16. Nickols e Belliston, pp. 23 e 24.
17. Ernest T. Pascarella e Patrick T. Terenzini, “Student-Faculty Relationships and Freshman Year Educational Outcomes”, *Journal of Educational Research* 71:4 (Março-Abril de 1978), p. 183.
18. Ryan K. Clark, Mary Walker, e Sheree Keith, “Experimentally Assessing the Student Impacts of Out-of-Class Communication: Office Visits and the Student Experience”, *Journal of College Student Development* 43:6 (November-December 2002), p. 834.
19. Ibid, p. 835.
20. Jane Thayer, Christine D. Bothne, e Robert D. Bates, “Christian College Students' Perceptions of Faculty Spirituality”, *Journal of Research on Christian Education* 9:2 (Outono de 2000), pp. 205-221.
21. Monty L. Lynn, “Ora et Labora: The Practice of Prayerful Teaching”, *Christian Education Journal*, Série 3, 1:3 (Outono 2004), p. 46.
22. P. C. Hodgson, *God's Wisdom: Toward a Theology of Education* (Louisville, Ky.: Westminster John Knox Press, 1999) conforme citado em ibid, p. 44.
23. Mark McMinn, *Psychology, Theology, and Spirituality in Christian Counseling* (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1996), p. 83.
24. Ibid, p. 77.
25. Alyce Oosterhuis, “The Impact of a Christian Liberal Arts Education on Faith Maturity”, *Journal of Research on Christian Education* 9:2 (Outono 2000), pp. 177-203.
26. Thayer, Bothne e Bates, 2000.
27. Jane Thayer [Percepção estudantil da espiritualidade dos professores], dados ainda não publicados, 2003.
28. Barbara J. Thayer-Bacon, Stephanie Arnold, e Jason Stoots, *Identification of Caring Professors in Teacher Education Programs*. Documento apresentado na reunião anual da American Educational Research Association, San Diego, California, abril de 1998 (ERIC Document Reproduction Service No. ED 418 970).
29. David G. Benner, *Surrender to Love: Discovering the Heart of Christian Spirituality* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 2003), p. 26.